

Essencialismo e Construcionismo na Ficção Utópica de Charlotte Perkins Gilman

Herland e With Her in Ourland



Fátima Sousa

Charlotte Perkins Gilman (1860-1935) é, indubitavelmente, um dos pilares da teorização sobre a situação de desigualdade em que se encontra a mulher na viragem do século XIX para o século XX. Gilman tem o privilégio de ser uma escritora que luta não só pelos direitos das mulheres e pela implementação da igualdade das mulheres relativamente aos homens, mas também pelo desenvolvimento dos seres humanos. Na realidade, Gilman explora o que significa ser mulher no dealbar do século XX, um período que assiste a uma afirmação crescente da relevância do papel da mulher no seio de uma sociedade patriarcal.

Gilman recorre ao uso da literatura, mais especificamente ao género literário utópico, para veicular a sua visão de um mundo perfeito. Ela sonha com o reconhecimento das mulheres na sociedade e, como todos os sonhadores, esboça uma vida melhor e idealiza uma sociedade paradisíaca não apenas para os homens, mas também para as mulheres:

Although she underestimated the way some women found strength and power within a female community, she focused insightfully on the oppressive patriarchy that controlled women's lives as she attempted to elevate women to equal status with men. Her discussion of gender in *In This Our World* and *Women and Economics* still makes a startling contribution to feminism today. (Golden and Zangrando 262)

Entre as preocupações mais prementes de Gilman encontram-se a oposição ao domínio masculino sobre as mulheres e a crença de que as mulheres usufruem de um estatuto inferior ao grupo subordinante a que pertencem. Findar com a submissão feminina exige profundas remodelações sociais para validar todos os seres humanos, inclusive as mulheres, seres vistos como mercadoria: "Women became, practically, property. They were sold, exchanged, given and bequeathed like horses, hides, or weapons. They belonged to the man,

Citação

Fátima Sousa, "Essencialismo e Construcionismo na Ficção utópica de Charlotte Perkins Gilman: *Herland* e *With her in Ourland*." *Via Panorâmica: Revista Electrónica de Estudos Anglo-Americanos / An Anglo-American Studies Journal* 2.^a ser.1 (2008): 83-98. Web. <<http://ler.letras.up.pt>>.

as did the house; it was one property group" (Gilman, *Home* 22). Este grupo deveria ser considerado uma parte integrante da sociedade e caracterizado por poder, importância, oportunidades e papéis iguais nos domínios social, económico e político. Como Gilman menciona em *Women and Economics (WE)*, "Man is the human creature. Woman has been checked, starved, aborted in human growth; and the swelling forces of race-development have been driven back in each generation to work in her through sex-functions alone" (75).

Gilman aponta a família como o motor da opressão feminina: "The family is a social group, an entity, a little state. It holds an important place in the evolution of society quite aside from its connection with marriage" (*WE* 213). Na realidade, esta instituição é geradora das pressões sociais impostas às mulheres. Uma sociedade baseada em ordem e hierarquia tem implicações não surpreendentes, uma vez que a natureza e a tradição impõem que as mulheres eduquem as crianças e tomem conta da casa: "The home does not produce the virtues needed in society. But society does produce the virtues needed in such homes as we desire to-day" (*WE* 223). Deste modo, Gilman critica severamente o estatuto doméstico tão desvantajoso para as mulheres:

what we need to see is that it is not woman as a sex who is responsible for this mis-mothered world but the economic position of woman which makes her what she is. If men were so placed, it would have the same effect. Not the sex-relation, but the economic relation of the sexes, has so tangled the skein of human life. (*WE* 333)

Neste contexto, Gilman oferece uma revisão da instituição patriarcal da família e do sistema económico-social, no qual as mulheres têm de pagar pelo insucesso da instituição e do próprio sistema. Ela alerta a sociedade para o facto de as mulheres se encontrarem enclausuradas num lugar específico e restrito denominado lar:

The home is the cradle of all the virtues, but we are in a stage of social development where we need virtues beyond the cradle size. The virtues begun at home need to come out and grow in the world as men need to do – and as woman need to do, but do not know it. (*Home* 183)

A preocupação de Gilman relativamente à posição das mulheres no universo e a luta por ela empreendida têm repercussões no futuro com reflexos mais concretos na teoria feminista.¹ Na minha perspectiva, no que se refere à influência de Gilman no pensamento feminista posterior, a sua relevância deve-se não tanto à sua crítica e rejeição do papel submisso então atribuído à mulher, visto que outras mulheres coevas também o fizeram,² mas ao facto de identificar, na sociedade em que se insere, os aspectos que carecem de

mudança.³ Gilman reconhece a necessidade de uma igualdade vital entre homens e mulheres para que a sua convivência seja possível. Na realidade, Gilman vive numa época em que as mulheres movem esforços para alcançar voz no seio de uma sociedade regida por desígnios patriarcais que a relegam para segundo plano, desempenhando apenas as funções de mãe e de esposa, sem qualquer papel activo na esfera social.

Os objectivos principais do feminismo são a luta pela liberdade da mulher e a implementação da igualdade entre homens e mulheres de modo a construir-se uma sociedade alicerçada na participação equivalente de ambos os sexos em todos os campos sociais. Na realidade, afloram vários feminismos preocupados com a posição da mulher na sociedade, daí que não possamos nem devamos falar de um feminismo específico. No seio da teoria feminista, distinguem-se duas correntes em relação às quais o pensamento de Gilman poderá ser considerado: o essencialismo⁴ e o construcionismo, que têm como objectivos provar e estabelecer a igualdade dos sexos:

Essentialism is classically defined as a belief in true essence – that which is most irreducible, unchanging, and therefore constitutive of a given person or thing Constructionism, articulated in opposition to essentialism and concerned with its philosophical refutation, insists that essence is itself a historical construction. (Fuss 250-1)

O conceito de essencialismo surge primeiro no trabalho de Platão. Para este filósofo, os fenómenos do mundo natural são simplesmente o reflexo de um número finito de formas fixas e imutáveis. Constância e descontinuidade são as propriedades cruciais das essências, isto é, uma essência não muda e é categoricamente diferente de outra essência:

The essentialists attributed continuous variation to the imperfection manifestation of the essences. Essentialism was the philosophical foundation for positivism in philosophy up to the twentieth century. Essentialism therefore dominated philosophical and scientific thought in the Western world. (DeLamater and Hyde 10)

Darwin é dos primeiros a rejeitar o essencialismo, pelo menos parcialmente. A sua noção de mudança através da evolução choca com a noção de constância no essencialismo. Popper, por sua vez, traz o essencialismo de volta para o discurso moderno na filosofia da ciência (103).

Os teóricos feministas advogam que o essencialismo também desempenha um papel importante na naturalização das hierarquias de género. Mahalingam sublinha o facto de as características fixas do género e da raça não poderem ser alteradas pelas condições históricas e sociais: "Such essentialist assumptions can

become a means of preserving the *status quo* and abolishing programs that attempt to engineer social change (e.g., affirmative action)" (736).

Nas palavras de Kemp e Squires, levanta-se a questão de a "mulher" ser essência ou construção social. Estes pontos de vista considerados essencialistas têm sido sujeitos a uma crítica gradual das perspectivas pós-modernistas e desconstrucionistas, pelo que o "essencialismo" se tornou numa política reaccionária e problemática dentro dos diversos feminismos: "The dominance of various forms of social constructivist theories is now modified mainly by those who advocate the need for a kind of 'strategic essentialism'" (Kemp and Squires 10).

Diana Fuss advoga que o essencialismo é tradicionalmente definido como uma crença na verdadeira essência. Esta essência é a parte constituinte de uma certa pessoa ou coisa sendo, por isso, irreduzível e imutável. Esta definição representa a compreensão tradicional aristotélica de essência. Na teoria feminista, o essencialismo articula-se numa variedade de formas e subentende um número de pressupostos relacionados:

Most obviously, essentialism can be located in appeals to a pure or original femininity, a female essence, outside the boundaries of the social and thereby untainted (though perhaps repressed) by a patriarchal order. It can also be read in the accounts of universal female oppression, the assumption of a totalizing symbolic system which subjugates all women everywhere, throughout history and across cultures. Further, essentialism underwrites claims for the autonomy of a female voice and the potentiality of a feminine language. . . . Essentialism emerges perhaps most strongly within the very discourse of feminism, a discourse which presumes upon the unity of its object of inquiry (women) even when it is at pains to demonstrate the differences within this admittedly generalizing and imprecise category. (Fuss 250-1)

O essencialismo opõe-se à visão anti-essencialista ou construcionista que defende que as mulheres constituem uma categoria historicamente específica e socialmente construída. Em resumo, enquanto sublinham a natureza histórica do poder, os interesses sociais construcionistas tendem a ignorar a forma como uma categoria social é representada na mente de um indivíduo. Mahalingam, baseando-se na teoria defendida por Fuss, refere que os construcionistas sociais são cépticos relativamente ao facto de o essencialismo ser simplesmente uma tendência heurística útil para a percepção do mundo. Tipicamente, visionam o essencialismo como um mecanismo para preservar o poder social, político e económico. Os construcionistas sociais advogam que as características de raça e de género são visionadas como categorias essenciais, o que significa que as características "essenciais" dos membros destes grupos não podem ser alteradas por uma cultura social. Estas perspectivas tendem a justificar e a perpetuar as

desigualdades sociais. Tendo por pressuposto as ideias de Appiah (1990) e Davis (1991), Mahalingam defende, ainda, que categorias sociais tais como raça, género e sexualidade têm sido historicamente construídas para defender uma base biológica das diferenças de grupo, numa tentativa de se manter a hegemonia social e política (736).

Diana Fuss defende que a própria essência é uma construção histórica. Para o essencialista, o natural fornece a matéria-prima e o ponto de partida determinante para as práticas e leis do social, pois a diferença sexual precede qualquer diferença social. Em oposição a esta teoria, o construcionista acredita que o próprio natural é uma construção do social. Assim sendo, a diferença sexual é discursivamente produzida e formada como efeito do social. Enquanto o essencialista sustenta que o natural é reprimido pelo social, o construcionista mantém a ideia de que o natural é produzido pelo social (Fuss 251). Deste modo, o construcionismo baseia-se no argumento de que as “mulheres” constituem uma categoria historicamente específica e socialmente construída. Categorias como “homem” e “mulher” não são fixadas pela natureza e muito menos se consubstanciam numa essência natural imutável. Pelo contrário, são socialmente construídas e variam consideravelmente de uma cultura para outra e de um momento histórico para outro.

Um dos tópicos de maior interesse para os construcionistas sociais tem sido o género⁵ e a sua construção social. Os construcionistas sociais vêem o género não como uma característica do indivíduo – como os essencialistas fazem – mas como um processo que lhe é externo. O género é definido pelas interações entre as pessoas, pela linguagem e pelo discurso de uma cultura. Os construcionistas sociais argumentam que não existem essências verdadeiras, mas que a realidade é socialmente construída, e, por isso, os fenómenos são construções sociais, produto de uma cultura particular, língua e instituições (DeLamater and Hyde 15-6).

A questão do corpo ganha também uma relevância significativa na diferença entre os ideais essencialistas e construcionistas, contribuindo para a separação entre ambos. Para os essencialistas, o corpo ocupa um espaço puro, pré-social e pré-discursivo. O corpo é “real”, acessível e transparente; encontra-se sempre presente e é directamente interpretado através dos sentidos. Para os construcionistas, o corpo nunca está presente. É composto por um conjunto de efeitos continuamente sujeitos à determinação sócio-política, pois encontra-se já culturalmente definido (Fuss 254).⁶ Tal como Maria João Sousa menciona, “não faz sentido separarmos o corpo do ‘ser’, pois o ser humano, seja ele do sexo feminino ou do sexo masculino, é uma unidade. Sem o corpo, a mente ou o espírito não podem existir e não se identificam com o mundo” (63).

Mas, na opinião de Conceição Nogueira (que se baseia na teoria de Crawford), o essencialismo define-se pela existência de qualidades ou características próprias aos indivíduos e não pelas suas origens biológicas ou sociais (206). As qualidades inerentes ou inatas aos indivíduos definem a sua essência e ignoram tudo quanto biológica e socialmente lhes é atribuído. A noção andrógina assume, neste âmbito, um papel de prima importância que invalida as diferenças existentes no binómio sexo/género. Baseando-se nas teorias de Morawski (1990) e Amâncio (1994), Conceição Nogueira advoga que “a androginia sugere a combinação de atributos femininos e masculinos, eliminando a suposição do dualismo de género. Não assume nenhuma ligação entre sexo biológico e género psicológico e pretende essencialmente que as mulheres se libertem das orientações comportamentais adequadas ao seu sexo” (184). Baseando-se em Lorenzi-Cioldi, Conceição Nogueira defende que a androginia elimina a incompreensão entre homens e mulheres, bem como a submissão e preponderância de um sexo sobre outro. Este será o trampolim para o que as mulheres tanto almejam – a plena igualdade entre homens e mulheres.

Neste contexto, podemos indagar se a mulher nasce ou se transforma em mulher. Na obra *The Man Made World (MMW)*, Gilman refere que existem muitas forças educacionais. A criança nasce num ambiente caracterizado por determinadas condições físicas e psíquicas e é educada de acordo com essas mesmas condições que a modificam posteriormente. Todas estas condições têm sido de carácter androcêntrico, mas aquilo que denominamos de processo social especial é o que é ensinado deliberadamente à criança, subjugando-a conseqüentemente. Aqui torna-se evidente a influência dominante. Esta educação é dada durante muito tempo apenas a rapazes, pois as raparigas encontram-se submetidas a uma influência maternal, assimilando somente o conhecimento que a mãe detém. Isto é suficiente para mostrar o pressuposto de que o mundo é composto por homens e apenas estes seres se encontram adaptados ao mundo. As mulheres não necessitam de treino, pois não fazem parte do mundo. Como fêmeas nascem e não são construídas; como seres humanos são usadas apenas para servir, educadas como tal pelas suas mães que exercem a mesma função (*MMW* 145). Tal como Ana Cristina Oliveira comenta:

Proibida de participar nas actividades do mundo e forçada a ser empregada do marido, a mãe é incapaz de dar uma educação adequada aos filhos que, ao adquirirem os conceitos de “comportamento masculino” e de “comportamento feminino”, vão contribuindo para a perpetuação da sociedade de “dois pesos e duas medidas”. Ao encarar esta realidade, subvertida pela influência masculina em todas as áreas da vida, Gilman propõe várias mudanças que, na sua óptica, estavam já a surgir nos inícios do século XX e constituem solução para acabar, ou pelo menos, minorar a supremacia do homem sobre a mulher (67-68).

Tendo por pressuposto a opinião de Gilman, a essência dos indivíduos deve ser considerado o aspecto mais importante da vida do ser. *Deve*, sublinho, mas não é. Gilman desenvolve as suas teorias não apenas em textos teóricos, mas também em textos ficcionais, especificamente em dois textos utópicos – *Herland* e *With Her in Ourland* – nos quais as mulheres assumem um papel verdadeiramente activo, saindo da penumbra para se posicionarem no mundo social.

Herland e *With Her in Ourland* são escritos em plena Primeira Guerra Mundial, quando a mulher começa a deixar o lar e a mostrar as suas capacidades, características, potencialidades e qualidades, sendo o conflito, desse modo, o trampolim para a principal transformação da mulher. Deste modo, Gilman aproveita o palco desse evento conflituoso de dimensão mundial para inverter os papéis, tal como acontece na Europa. E assim, enquanto as mulheres lutam pelo direito ao voto e pela possibilidade de exprimirem as suas opiniões, Gilman projecta em *Herland* uma sociedade gerida por mulheres com aspectos que superam profundamente a sociedade androcêntrica regida e governada por homens que impossibilitam a participação feminina no plano político. Esta obra tem sido considerada de importância significativa na escrita de Gilman, despertando a crítica para o facto de as diferenças entre homens e mulheres e os estereótipos associados a cada um desses elementos estarem de tal forma enraizados nas mentes das pessoas que as mesmas os consideram dados integrantes da sua vida social. Nesta utopia exaltam-se as capacidades das mulheres que são, normalmente, consideradas seres sensíveis e dependentes. Estes aspectos são questionados nesta obra, pois as mulheres são descritas como seres autonomamente idóneos para a realização de tarefas que, segundo os ideais patriarcais, só seriam passíveis de serem desempenhadas por membros do sexo masculino.⁷ É importante proporcionar-se a criação de um espaço alheio a princípios sexistas no qual imperem valores meramente humanos.

Em *Herland* deparamo-nos com a valorização do indivíduo como um ser humano independente e autónomo detentor de capacidades, virtudes e imperfeições que devem ser respeitadas independentemente do sexo a que pertençam. Esta oposição aos pressupostos defendidos na sociedade patriarcal ganha clarividência pela forma como os três exploradores são tratados – da mesma maneira que as *Herlanders*:⁸ “‘They don’t seem to notice our being men,’ he went on. ‘They treat us – well – just as they do one another. It’s as if our being men was a minor incident’” (*Herland* 26).

Torna-se necessário construir um espaço feminino alheio à racionalidade e hierarquia patriarcal. Sendo uma defensora acérrima deste aspecto, Gilman

descreve ao leitor uma sociedade livre de sexismos ou pressupostos masculinos tão comuns nas sociedades patriarcais. Deste modo, somos confrontados com um espaço feminino, racionalmente organizado por mulheres, que provam deter capacidades que nunca foram reconhecidas pelos homens.

De acordo com o ponto de vista essencialista, as personagens femininas de Herland e toda a sua comunidade podem ser consideradas essencialistas em oposição aos três exploradores que devem ser inseridos num contexto construcionista. Contudo, o que Gilman idealiza neste texto utópico é a construção de um mundo no qual os sexos não sejam divididos, devendo, sim, ser percebidos como seres humanos iguais. O facto de não existirem homens nem imposições sociais leva as mulheres a nascerem e a receberem uma educação para a cidadania. Na opinião de Gilman, quando a mãe do mundo se encontra no seu devido lugar cumprindo o seu dever, não terá motivos de queixa contra o pai. Em primeiro lugar, construirá homens melhores. Em segundo lugar, será socialmente responsável pela escolha de um pai adequado para os seus filhos. Em terceiro lugar, como agente económico livre, terá metade do dever de sustentar a criança (WE 186).

O aspecto mais importante para as mulheres daquele país é a humanidade de cada ser. Os exploradores estão habituados às diferenças de tratamento entre homens e mulheres, pois essas são características específicas da sociedade em que vivem, baseada no construcionismo. Contudo, as *herlanders* sentem falta do elemento masculino. Assim sendo, é provável que o objectivo de Gilman, ao inserir os três homens em Herland, fosse o de sublinhar o lado construcionista da sociedade. À medida que Van e Jeff se libertam da sociedade americana, eles desconstruem o que lhes foi socialmente construído de modo a construírem uma nova identidade. Deste modo, Gilman usa o construcionismo para valorizar e realçar a importância do essencialismo.

Ao defender acerrimamente a liberdade e a igualdade humana, Gilman descreve, em Herland, o lado andrógino do ser humano como forma de obtenção de total igualdade. Se não existirem estereótipos, viveremos num mundo habitado por seres andróginos iguais. Ao inserir este tipo de seres nos textos utópicos, Gilman permite a reconciliação de ambos os sexos num novo ser. A descrição das mulheres dessa sociedade utópica é definida por uma mistura de traços masculinos e femininos tão comuns nas sociedades androcêntricas:

They were girls, of course, no boys could ever have shown that sparkling beauty, and yet none of us was certain at first.

We saw short hair, hatless, loose and shining; a suit of some light firm stuff, the closest of tunics and kneebreeches, met by trim gaiters. As bright and smooth as parrots and as

unaware of danger, they swung there before us, wholly at ease, staring as we stared, till first one, and then all of them burst into peals of delighted laughter. (13) They had the evenest tempers, the most perfect patience and good nature – one of the things most impressive about them all was the absence of irritability. So far we had only this group to study, but afterward I found it a common trait. (40) These women have the virtue of humanity, with less of its faults than any folks I ever saw. (84)

As diferenças inerentes a cada sexo não são razão suficiente para se tratarem homens e mulheres de forma diferente. Estes seres humanos nascem somente com diferenças biológicas, o que significa que são iguais na diferença. A essas diferenças naturais adicionam-se as diferenças culturalmente impostas, “construindo-se”, dessa forma, seres puramente desiguais, não só em termos de essência, mas também em termos sociais. Não obstante, as diferenças biológicas não justificam as desigualdades, as diferenças culturais, sim. Gilman rejeita a sociedade em que vive, uma sociedade cujos homens e mulheres são fruto de uma tradição social que lhes incute, à partida, as características que geralmente se atribuem aos homens e às mulheres. O construcionismo que caracteriza a sociedade americana é fomento da desigualdade existente entre homens e mulheres. Neste contexto, concordo vivamente com Gilman: o importante é a essência. Todavia, um século depois, continua-se a viver num mundo alicerçado em pressupostos construcionistas, factor este que atribui pertinência e actualidade aos ideais veiculados por esta autora. Tal como Gilman menciona:

Even our little children in their play are carefully trained to accentuate sex; and a line of conduct for boys, differing from that for girls, is constantly insisted upon long before either would think of a necessity for such difference. Girls and boys, as they associate, are so commented on and teased as to destroy all wholesome friendliness, and induce a premature sex-consciousness. (WE 309)

Contudo, as diferenças biológicas não justificam as desigualdades, apenas as diferenças culturais as justificam. Gilman rejeita a sociedade em que vive, uma sociedade cujos homens e mulheres são o resultado de uma tradição social. Assim sendo, o vocábulo *género* não faz sentido no dicionário de Gilman e muito menos no vocabulário das *herlanders*, uma vez que em Herland todos são tratados de acordo com a sua essência e natureza. A cultura e a tradição não desempenham papéis importantes; são apenas aspectos de uma vida social patriarcal que não tem lugar num mundo de mulheres.

With Her in Ourland descreve a sociedade americana em contraste com a sociedade de Herland. Nesta obra, Gilman descreve a dura realidade que se faz sentir no Ocidente. A autora critica os males que minam a sociedade androcêntrica e apresenta soluções através da figura feminina e narradora da obra – Ellador. O facto de esta figura ser oriunda de uma sociedade utópica torna

esta distopia⁹ mais relevante e faz com que o leitor medite sobre o quanto a sociedade de Herland seria desejável no mundo ocidental. *Ourland* é construído e assim também o são as mulheres. Deste modo, a tradição ganha um papel relevante. A capacidade de Gilman para exprimir estes ideais é extraordinária: “Not at all – not in the least – but there’s the trouble: their minds were always filled up beforehand with what they used to believe. Talking about new wine in old bottles – it’s putting old wine in new bottles that has kept the world back” (*With Her in Ourland* 128).

Os três homens utilizados por Gilman têm traços completamente diferentes. Enquanto dois deles – Jeff e Van – aceitam facilmente um mundo dominado por mulheres; o outro, Terry, rejeita-o veementemente. Eles carregam o fardo de uma tradição sustentada em crenças religiosas – os homens foram criados em primeiro lugar e as mulheres depois; e estas apenas tinham o direito de servir os homens. Essa tradição determina a forma como mulheres e homens devem agir e não tem em conta a humanidade dos indivíduos, apenas contemplando o seu sexo. Gilman luta contra esta tradição, rejeita esta crença que coloca as mulheres num lugar de subjugação e imagina a sociedade de Herland, cujos habitantes são conhecidos por “Conscious Makers of People” (*Herland* 58).

As personagens masculinas de *Herland* são a voz de um mundo construcionista, facto evidenciado pelos comentários que são tecidos por essas personagens à chegada de Herland:

“Only women there – and children,” Jeff urged excitedly.

“But they look – why, this is a *civilized* country!” I protested. “There must be men” (*Herland* 10).

Em *With Her in Ourland*, Gilman compara as duas sociedades e conclui que para existir uma *mulher nova* terá de emergir primeiro um *homem novo*. O que Gilman quer provar é que os homens e as mulheres devem ser livres para viverem juntos uma relação baseada em igualdade. É necessário construir uma *mulher nova*, mas é igualmente importante um *homem novo* despojado de uma mentalidade com características patriarcais. Assim sendo, os homens e as mulheres dessa sociedade construirão juntos um mundo novo baseado em igualdade e liberdade de acordo com a essência dos indivíduos. O objectivo será a renovação do mundo, mas especialmente a purificação da mentalidade masculina. Um mundo baseado em tolerância, igualdade e respeito pelo outro – a mulher. Um mundo em que homem e mulher se encontrem no mesmo patamar. Um mundo que observe as pessoas como seres humanos que nascem do mesmo modo, através do mesmo processo, o que significa igual.

No final de *With Her in Ourland*, Ellador e Van decidem regressar a Herland e rejeitar o mundo patriarcal. Este aspecto sublinha o essencialismo de Gilman que ganha uma relevância maior, uma vez que Herland é a terra do essencialismo, o local onde a sociedade não “faz” mulheres, a terra em que as mulheres nascem mulheres, não são construídas e transformadas nesses mesmos seres. Este regresso pode também ser encarado como sinónimo do nascimento de uma *mulher nova*, uma vez que Ellador tem a oportunidade de ver, com os seus próprios olhos, os aspectos negativos que estão a devastar o mundo. Contudo, para acompanhar o nascimento dessa *mulher nova*, Van terá de se adaptar ao *outro novo sexo*, diferente das mulheres com quem está habituado a conviver na sua terra natal. Van pode ser considerado o *homem novo*, preparado para assimilar novos conceitos e viver experiências diferentes. Na realidade, os seres humanos devem agir de acordo com a perspectiva feminista. Não significa que as mulheres queiram ser homens, ou vice-versa, ou que deva existir algum conflito entre homens e mulheres. O objectivo é a união de ambos os sexos com base na conciliação, no respeito, na tolerância e na aceitação. Tal como Gilman escreve, “women have made the people who made the world, and will always continue so to do. But they have heretofore had a most insignificant part in the world their sons have made” (WE 164). Com a permissão da entrada de homens no mundo utópico de Herland, Gilman anuncia a constituição de uma nova raça baseada na cooperação entre os sexos. A igualdade entre homens e mulheres torna-se, então, algo facilmente atingível, processando-se, aliás, de forma puramente natural, não se verificando a supremacia de uma sociedade patriarcal em detrimento de uma sociedade “matriarcal”.

Gilman detém a capacidade de visionar um mundo melhor. A obra de Gilman oferece um futuro de paz, de justiça e de felicidade que passa necessariamente pela igualdade dos sexos. Mudar o mundo é sinónimo de alteração dos fundamentos do sistema social, entre os quais a dominação masculina sobre a figura feminina. Neste sentido, torna-se imprescindível uma transformação das relações entre os sexos, pois a verdadeira igualdade só existirá a partir do momento em que os homens mudem a sua maneira de pensar e a sua posição perante os seres do sexo oposto. Não se trata de forjar um *homem novo* ou uma *mulher nova*, mas sim de construir juntos, homens e mulheres de hoje, seres de um mundo novo, renovado e purificado. O fundamental é que o pensamento mude e possibilite que cada indivíduo seja entendido como um ser humano, em vez de ser rotulado de determinadas características que se prendem com estereótipos de natureza sexual, fruto de uma herança cultural difícil de erradicar.

Na realidade, somente através da união das esferas pública e privada poderão homens, mulheres e crianças tornar-se seres completos e felizes: “Our struggle to feel at home in the world complemented by an equally important struggle to feel the presence of the world inside our homes” (Kimmel xx). Se pensarmos que o homem se encontra associado à esfera pública e a mulher à esfera privada, a junção de ambos os mundos e a participação activa dos dois seres nesses mesmos mundos serão a ponte para a verdadeira igualdade. A própria Gilman refere: “But the public house was – and is – for men only. The woman was kept as far as possible at home. Her female nature was supposed to delimit her life satisfactorily, and her human nature was completely ignored” (MMW 165).

Acredito que o objectivo de Gilman é delinear o dualismo essencialismo/construcionismo. Ela explica claramente a forma como os papéis dos seres humanos – masculino e feminino – são construídos pela sociedade, tornando-se assim numa das primeiras construcionistas. Pinta, simultaneamente, um mundo de essencialismo extremo. Desse modo, poder-se-á afirmar que Gilman é também essencialista. Esta perspectiva é realçada pelo texto ficcional utópico *Herland* – uma sociedade construída e composta por mulheres. Contudo, Gilman usa, estrategicamente, o ponto de vista construcionista, especificamente no texto distópico *With Her in Ourland* para realçar o essencialismo dos indivíduos. Neste trabalho utópico, Gilman defende que a sociedade americana se baseia numa tendência construcionista.

Catherine J. Golden e Joanna Schneider Zangrando rotulam Gilman de reformadora optimista, desejosa de alcançar a igualdade dos seres num mundo melhor: “An optimistic reformer, Gilman held on to her dream and, through her writing, aimed to ‘make a world’ with gender equality where women would participate equally with men in performing the world’s work” (11). Este sonho de Gilman perdura e mantém-se parte integrante do nosso quotidiano. Por essa razão, o seu legado é tão importante para os estudos feministas e sociológicos da actualidade. ■

Notas

¹ Gilman é frequentemente considerada feminista, aspecto de que a própria autora discorda, definindo-se antes como humanista, e explicando: “I know women best, and care more for them. I have an intense and endless love for women – partly in reverence for their high estate, partly in pity for their blind feebleness, their long ages of suffering. . . . I abominate being called a feminist” (qtd. in Ceplair 8). Gilman tem consciência das dificuldades que enfrenta e considera que o futuro será mais fácil, dando, para isso, o seu contributo: “A few generations more and it will be easier. And I know I’ve helped a little. Every little counts” (qtd. in Ceplair 8).

² Josephine Butler, Marie Goegg-Pouchoulin, Carrie Chapman Catt, Emma Goldman e Jane Addams são apenas alguns exemplos de mulheres que se dedicam à causa feminina, lutando por direitos iguais aos dos homens.

³ Note-se que em *With Her in Ourland*, Gilman faz, através da personagem Ellador, uma análise profunda dos males que assolam os Estados Unidos da América e a Europa, mencionando as transformações que deveriam ser operadas para a construção de um mundo melhor, um mundo alicerçado em valores como a igualdade e a liberdade dos seres humanos.

⁴ De acordo com *The Dictionary of Feminist Theory*, o *essencialismo* pode ser definido como a crença em que as diferenças entre homens e mulheres são essências, isto é, existem naturezas masculinas e femininas únicas e não social e experimentalmente construídas. Se as diferenças são fruto da essência, então assume-se que são universais, “naturais” e derivam da biologia. A questão que se coloca é se existem diferenças “essenciais” ou inatas entre homens e mulheres e se estas são biológicas ou construídas. As crenças construcionistas (por exemplo, a ideia de que “One is not born but rather becomes a woman”) são mais comuns na teoria feminista. Luce Irigaray sugere a existência de uma diferença feminina essencial derivada de diferenças biológicas e reprimida pelo patriarcado (Humm 80-81). Toril Moi reporta-se ao *essencialismo* de uma outra forma: “Essentialism (the belief in a given female nature) in the end always plays into the hands of those who want women to conform to predefined patterns of femininity. It is no less *essentialist*, however, to hold that there is a historically or socially given female essence” (Moi 247).

⁵ Torna-se aqui necessário proceder a uma distinção entre *género* e *sexo*, sendo o primeiro utilizado relativamente ao contexto social que diferencia homens e mulheres e referindo-se o segundo às diferenças biológicas. Conceição Nogueira clarifica estas distinções: “Usa-se o termo ‘sexo’ para a classificação baseada na biologia humana O género . . . refere-se a uma classificação que as sociedades *construíram* para exacerbar as diferenças entre homens e mulheres já que permite definir os significados sociais e culturais que são associados a cada categoria anatómica sexual Género refere-se a todas as características psicológicas, sociais e culturais que são fortemente associadas com as categorias biológicas de homem e mulher (Deaux, 1985). Género é, portanto, o termo usado no contexto social, podendo ser definido como um esquema para a categorização dos indivíduos, (na perspectiva da cognição social) esquema esse que utiliza as diferenças biológicas como base para a designação de diferenças sociais (Gilbert, Hallet & Elldridge, 1994)” (Nogueira 9-10). Podemos afirmar que sexo refere-se a diferenças biológicas entre machos e fêmeas. Género, por outro lado, refere-se a associações, estereótipos e padrões sociais que uma cultura constrói com base em diferenças actuais e existentes entre homens e mulheres.

⁶ Neste contexto, parece-me pertinente mencionar os ideais dos cientistas sociais. Estes têm geralmente sublinhado as semelhanças de género, acreditando que as diferenças são causadas pela socialização. Os rapazes aprendem a ser masculinos – machos – e as raparigas a serem

femininas – fêmeas. Note-se que estes atributos são definidos em culturas ou eras diferentes: pais, escolas, companheiros, meios de comunicação, publicidade, igrejas, brinquedos, cartões de aniversário, filmes e jogos de vídeo. Os dois pontos em que a maioria dos especialistas parece concordar são, em primeiro lugar, que tais diferenças são o resultado da interação entre os factores biológicos e sociais; e, em segundo lugar, que o nível de variações dentro de cada género é maior do que o nível entre eles. Contudo, não somos vítimas passivas da biologia ou da sociedade. Nós também escolhemos as nossas identidades de um amplo tipo de possibilidades (Synnott 65).

⁷ No seguimento desta ideia torna-se pertinente citar Vita Fortunati, que sublinha a importância da participação activa das mulheres na construção de mundos sociais: “Gilman has created a thought-experiment, imagining suggestive alternatives that might be implemented in realising the greater potential of humanity, particularly with regard to women’s full participation in the creation of social worlds” (Fortunati 270-1).

⁸ Habitantes de *Herland*.

⁹ É necessário definir-se o termo *distopia*. Segundo Lyman Sargent *distopia* ou *utopia negativa* refere-se a uma sociedade inexistente, descrita no mais ínfimo pormenor, e que se situa num tempo e lugar piores do que aqueles vividos pelo leitor. Já *utopia* é uma sociedade inexistente descrita em detalhe num determinado tempo e lugar (Sargent 221).

Obras Citadas

- Ceplair, Larry, ed. *Charlotte Perkins Gilman: A Nonfiction Reader*. New York: Columbia University Press, 1991.
- Deegan, Mary Jo, and Michael R. Hill, eds. *With Her in Ourland: Sequel to Herland*. By Charlotte Perkins Gilman. Westport: Praeger Publishers, 1997.
- DeLamater, John, and Janet Shibley Hyde. "Essentialism vs. Social Constructionism in the Study of Human Sexuality." *The Journal of Sex Research* 1.35 (1998): 10-8.
- Fortunati, Vita, and Raymond Trousson, eds. *Dictionary of Literary Utopias*. Paris: Honoré Champion, 2000.
- Fuss, Diana. "The 'Risk' of Essence". 1989. Kemp and Squires 250-8.
- Gilman, Charlotte Perkins. *The Forerunner: A Monthly Magazine*. vol. I (Nov. 1909-Dec. 1910). Virginia: IndyPublish, n.d.
- . *Herland*. Mineola, New York: Dover Publications, 1998.
- . *The Home: Its Work and Influence*. Oxford: Altamira Press, 2002.
- . *The Man-Made World or Our Androcentric Culture*. New York: Charlton Company, 1911.
- . *Women and Economics: A Study of the Economic Relation Between Men and Women as a Factor in Social Evolution*. 1898. Berkeley: University of California Press, 1998.
- Golden, Catherine J. "'Written to Drive Nails With': Recalling the Early Poetry of Charlotte Perkins Gilman." *Charlotte Perkins Gilman: Optimist Reformer*. Ed. Jill Rudd and Val Gough. Iowa: U of Iowa P, 1999. 243-266.
- Golden, Catherine J., and Joanna Schneider Zangrando, eds. *Mixed Legacy of Charlotte Perkins Gilman*. Newark: University of Delaware Press, 2000.
- Humm, Maggie. *The Dictionary of Feminist Theory*. Harvester: Prentice Hall, 1995.
- Kemp, Sandra, and Judith Squires, eds. *Feminisms*. Oxford, New York: Oxford University Press, 1997.
- Kessler, Carol Ferley. *Charlotte Perkins Gilman: Her Progress Toward Utopia with Selected Writings*. Syracuse, New York: Syracuse University Press, 1995.
- Kimmel, Michael S. Introduction. *The Home: Its Work and Influence*. By Charlotte Perkins Gilman. Oxford: Altamira Press, 2002. vii-xx.

- Mahalingam, Ramaswam. "Essentialism, Culture, and Power: Representations of Social Class." *Journal of Social Issues* 4.59 (2003): 733-49.
- Moi, Toril. "Feminist, Female, Feminine." 1989. Kemp and Squires: 246-50.
- Nogueira, Conceição. *Um Novo Olhar sobre as Relações Sociais de Género: Feminismo e Perspectivas Críticas na Psicologia Social*. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- Oliveira, Ana Cristina Amaral. "Masculino e Feminino: Uma Dualidade obrigatória? De *The Subjection of Women* de Stuart Mill a *Herland* de Charlotte Perkins Gilman." Diss. Universidade do Porto, 2000.
- Popper, K. R. *Conjectures and Refutations: The Growth of Scientific Knowledge*. New York: Basic Books, 1962.
- Sargent, Lyman Tower. "US Eutopias in the 1980s and 1990s: Self-Fashioning in a World of Multiple Identities." *Utopianism/Literary Utopias and national Cultural Identities: A Comparative Perspective*. Ed. Paola Spinozzi. Bologna: Università di Bologna/Comparative Thematic Network, 2001. 221-31.
- Sousa, Maria João. "One of Their Own Sex: O Feminino em *Jude, the Obscure*, de Thomas Hardy." Diss. Universidade de Lisboa, 2002.
- Synnott, Anthony. *The Body Social: Symbolism, Self and Society*. London: Routledge, 1993.